

SIMPÓSIO AT069

INFÂNCIA, DE GRACILIANO RAMOS: SOB A ÉGIDE DA LUSOFONIA

SANDRINI, Elizabete Gerlânia Caron
Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) – Campus Colatina
elizabetecaron@yahoo.com.br

Resumo: *Infância*, de Graciliano Ramos, traz à tona as memórias do autor, quando menino e aluno, em meio ao contexto sertanejo. Dos acontecimentos registrados ficcionalmente, a maneira como a língua portuguesa e *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, lhe são apresentados, durante seu processo de alfabetização, chamaram-nos a atenção. Isso nos conduziu ao questionamento: como *Infância* revela os meandros de uma educação que se queria impor sob a égide distorcida da lusofonia? Eis a temática a ser trabalhada, uma vez que a língua portuguesa e *Os Lusíadas* revelam literariamente como os métodos de ensino-aprendizagem enquadram a língua portuguesa sob critérios culturais. Nesse sentido, objetivamos compreender como se organiza, no espaço cultural brasileiro, a língua portuguesa, tanto do ponto de vista sócio-histórico quanto do estético-literário. Metodologicamente, evidenciaremos os alargamentos e os entraves que a questão geográfica e os interesses políticos impuseram ao uso da língua e à incorporação de novos significados e ao que, culturalmente, nos constituiu como único continente da América do Sul a falar o idioma de Portugal. Para tanto, o aporte teórico serão os estudos de Rocha-Trindade, Lourenço e Macedo, que discorrem sobre a lusofonia, dentre outros. Os resultados evidenciarão que o indivíduo, sob a égide da lusofonia, não é apenas aquele que fala a língua portuguesa, mas também o que está vincado em uma vasta comunidade cultural que não se restringe apenas à codificação e decodificação de símbolos gráficos em um processo de alfabetização. Antes, ao sentimento de pertença a uma língua transnacional.

Palavras-chave: *Infância*; Graciliano Ramos; Lusofonia; Literatura; Ensino-aprendizagem.

Abstract: *Infância*, by Graciliano Ramos, brings to the fore the author's memories, as a boy and a student, in the context of the sertanejo. From the fictionally recorded events, the way in which the Portuguese language and Luis Vaz de Camões's *Os Lusíadas* are presented to him during his literacy process drew our attention. This led us to question: how does *Infância* reveal the intricacies of an education that one wanted to impose under the distorted aegis of lusophony? This is the theme to be worked out, since the Portuguese language and *Os Lusíadas* reveal literarily how the teaching-learning methods frame the Portuguese language under cultural criteria. In this sense, we aim to understand how the Portuguese language is organized in the Brazilian cultural space, both from a socio-historical and aesthetic-literary point of view. Methodologically, we will highlight the extensions and obstacles that the geographical question and the political interests imposed to the use of language and the incorporation of new meanings and to what, culturally, constituted us as the only continent of South America speaking the language of Portugal. Therefore, the theoretical contribution will be the studies of Rocha-Trindade, Lourenço and Macedo, who discuss lusophony, among others. The results will show that the individual, under the aegis of Lusophony, is not only the one who speaks the Portuguese language, but

also what is credited in a vast cultural community that is not restricted to the codification and decoding of graphic symbols in a process of literacy. Rather, the feeling of belonging to a transnational language.

Keywords: *Infância*; Graciliano Ramos; Lusophony; Literature; Teaching and learning.

Introdução

[...] o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência (BENJAMIN, 1996, p.37).

O trabalho de Penélope da reminiscência de Graciliano Ramos (1892-1953), para edificação de sua obra *Infância*, durou cerca de seis anos, pois os trinta e nove textos que compõem o livro foram escritos nos anos de 1938 a 1944. A última publicação realizada em vida pelo “Velho Graça”, então, no formato de livro de memórias, ocorreu apenas em 1945, pela editora da Livraria José Olympio.

O tecido da rememoração do autor nordestino – as lembranças do mundo oligárquico e patriarcal, enraizados no agreste pernambucano e na zona da mata alagoana do sertão nordestino, dos 03 aos 14 anos de idade – revela as diversas experiências que teve em seu processo de alfabetização e, conseqüentemente, de aprendizagem.

Antonio Candido (2012) infere, em *Ficção e Confissão*, que a experiência é condição da escrita para Graciliano Ramos. Fácil perceber que essa condição é tema recorrente em *Infância*, uma vez que há, insistentemente, o contato do menino narrador com o universo das palavras e com o despertar do desejo por desvendar o significado delas. Em um desses acontecimentos, a personagem se depara com *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões.

O encontro do menino com a epopeia portuguesa nos chamou a atenção, devido à maneira como lhe foi apresentada no capítulo dezoito do livro, intitulado “O barão de Macaúbas” – “Um grosso volume escuro, cartonagem severa” (RAMOS, 2008, p. 129). Isso nos conduziu a um questionamento: como *Infância* revela os meandros de uma educação que se queria impor sob a égide distorcida da lusofonia?

A temática, portanto, a ser trabalhada neste artigo, é como a língua portuguesa se edificou sob os critérios culturais. Estes, em função da expansão marítima de Portugal, se manifestaram sobre a nação brasileira, uma vez que esse território foi o único da América do Sul a ficar sob o domínio da colonização portuguesa. Isso fez com que a significação cultural, principalmente a inerente à questão linguística, se tornasse tão singular.

Nesse sentido, objetivamos compreender como se organiza, no espaço cultural brasileiro, a língua portuguesa, tanto do ponto de vista sócio-histórico quanto do estético-literário. Além disso, metodologicamente, evidenciaremos os alargamentos e os entraves que a questão geográfica e os interesses políticos impuseram ao uso da língua e à incorporação de novos significados e ao que, culturalmente, nos constituiu como único continente da América do Sul a falar o idioma de Portugal.

O aporte teórico, para embasamento dessas questões, serão os estudos de Rocha-Trindade (1998), Lourenço (2004) e Macedo (2014), que discorrem sobre a lusofonia, dentre outros. Os resultados, assim, evidenciarão que o indivíduo, sob a égide da lusofonia, não é apenas aquele que fala a língua portuguesa, mas também o que está vincado em uma vasta comunidade cultural que não se restringe apenas à codificação e decodificação de símbolos gráficos em um processo de alfabetização desvinculada de um sentimento de pertença a uma comum unidade que, baseada na partilha sensível da língua, é transnacional.

1. No processo da alfabetização: o estranhamento com a leitura e com Camões

Em *Infância*, o ensino das habilidades de “codificação” e “descodificação” de símbolos, quer seja, o processo de alfabetização da personagem efetivou-se pelo método sintético silábico da Carta do A, B, C, em que se tem “Um *b* com um *a* – *b, a: ba*; um *b* com um *e* – *b, e: be*. Assim por diante, até *u*” (RAMOS, 2008, p. 10). Naquele tempo, a aprendizagem da leitura e da escrita era padronizada pela soletração mecânica das letras do alfabeto e suas possíveis junções, para a posterior formação de frases.

A personagem nos revela uma de suas incursões pela leitura, sob a tutela da irmã Mocinha: “[...] meti-me na soletração, guiado por Mocinha. Gaguejei sílabas um mês. No fim da carta elas se reuniam, formavam sentenças graves, arrevesadas, que me atordoavam. [...] Eu não lia direito” (RAMOS, 2008, p. 114). Não sem motivo, o menino só conseguir “[...] mastigar os conceitos sisudos: ‘[...] Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém’. Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta” (RAMOS, 2008, p. 114).

O menino de *Infância*, ao explicitar o aprendizado das primeiras letras, seu modo de ler e de interpretar, no agreste alagoano, evidencia a concepção estética e ética da leitura, pois, em consonância com Ricardo Píglia (2006), “Um leitor também é aquele que lê mal, distorce, percebe confusamente”. O menino Graciliano, participando à sua maneira do sentido do texto, o “percebe confusamente”. Dessa forma, no enlace da confissão com a ficção, “o ter-te-ão” não é confirmado. Antes, reivindicado por meio de uma contundente revelação: ser o “homem” causador do vazio de sentido, surgido graças ao registro das “sentenças graves”, “arrevesadas”, daquela aberração – “Terteão” – na escrita.

Não há, por parte do menino, nenhum prazer pela leitura, tampouco pela palavra escrita. A cena da apresentação do segundo volume do Barão de Macaúbas, “um livro corpulento, origem de calafrios. Papel ordinário, letra safada. [...] muitas páginas relativas à boa pontuação. [...] não conseguia ler” (RAMOS, 2008, p. 132), ratifica o sofrido trabalho do personagem-leitor. Este sempre principia “a leitura de má vontade” (RAMOS, 2008, p. 129), “certo de que nunca se desembaraçaria dos cipoais escritos” (RAMOS, 2008, p. 131), tendo em vista a obrigação em decifrar uma língua totalmente incompreensível e desconhecida. Nesse mesmo tempo, a aflição do menino aumenta, pois lhe “[...] infligiram Camões, no manuscrito. Sim senhor: Camões, em medonhos caracteres borrados – e, manuscritos” (RAMOS, 2008, p. 133).

Graciliano Ramos utiliza-se do verbo “infligir”. Logo, Camões foi-lhe apresentado como uma imposição, uma determinação, um castigo, uma punição. Ousamos dizer que, dessa forma, o escritor nordestino expõe, por meio da aflição de sua personagem, perante o uso da língua, uma preocupação que vai além da estética literária. Há aqui uma espécie de inquietação sócio-histórico e cultural, pois o narrador afirma: “Aos sete anos, no

interior do Nordeste, ignorante da minha língua, fui compelido a adivinhar, em língua estranha, as filhas do Mondego, a linda Inês, as armas e os barões assinalados” (RAMOS, 2008, p. 133).

O desassossego da personagem pode ser lido em associação com o pensamento de Maria Beatriz Rocha-Trintade (1998), ao referenciar que os indicadores da cultura estão fundamentados nas manifestações exteriores das sociabilidades. Estas se articulam no interior de certa comunidade humana: “a história do ‘vivido’, a memória coletiva, a língua, a compreensão do patrimônio material, o sentido afectivo, o mesmo entendimento das referências, o modo de hierarquizar valores e o de estabelecer normas” (ROCHA-TRINDADE, 1998, p. 38). Além disso, há “o conhecimento dos usos e das práticas do cotidiano e, sobretudo, a consciência de uma pertença partilhada e de um destino comum para a sociedade que os integra” (ROCHA-TRINDADE, 1998, p. 38).

A história do “vivido” pelo menino-narrador de *Infância* é a de ser quase analfabeto da própria língua e, ao mesmo tempo, ter a obrigação de adivinhar uma língua estranha. A (im)compreensão do patrimônio material revela a imposição da língua sobre o indivíduo. Esse fenômeno político e cultural acaba com desnudar que, no momento da alfabetização do menino, a língua não se fez “inteligível”, devido à especificidade regional não ter sido considerada.

Aquela criança do sertão nordestino fora forçada pela escola a adentrar ao mundo das letras pelos “medonhos caracteres borrados” do manuscrito lusitano. A metodologia de ensino distorcida, que não considerou o uso e as práticas da língua portuguesa no cotidiano, desestimulou o aprendizado do menino e, conseqüentemente, a utilização devida do idioma.

A língua materna utilizada pela personagem, com muita dificuldade, a mesma que lhe era estranha, não lhe permitiu estabelecer sentido afetivo, tampouco entendimento de referências e também nenhuma consciência de pertença partilhada e de destino comum na sociedade em que estava inserido.

Mas por que *Os Lusíadas*, um cânone, ter se tornado, naquele contexto, um espaço de opressão em detrimento de um de expressão? Para compreendermos devidamente essa questão, precisamos entender o que vem a ser lusofonia.

1.1. Lusofonia: do desafio à representatividade simbólica

A nação brasileira possui elos históricos, culturais e linguísticos com Portugal. Em um retorno ao século XVI rememoramos o motivo, uma vez que o Brasil foi o único território sul-americano colonizado pelos portugueses. Em meio a todas as questões históricas, voltamos nosso olhar para o desafio e a representatividade simbólica da língua portuguesa que, em consonância com Eduardo Lourenço (2004), é um corpo vivo, sonoro e sensível e que, portanto, tem registro cultural e identidade própria.

Um dos registros culturais da língua portuguesa é o termo lusofonia que, em consonância como Rocha-Trindade (1998), é um conceito de contornos imprecisos. Ele compreende: os falantes da língua, independentemente de ela ser materna, oficial ou estrangeira; os espaços onde esses falantes se situam e, por extensão, os eventualmente não lusófonos que os habitem; os países soberanos onde a língua portuguesa é predominante, bem como as comunidades minoritárias que se reclamam do Português, ou da correspondente cultura.

Segundo a autora, possuem capacidade legal para representar e evidenciar a lusofonia, somente os Estados onde o Português é língua oficial e se constituíram como Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), apresentada e representada, no foro internacional, como uma aliança assumida de forma voluntária pelos Estados soberanos.

A lusofonia, portanto, representa os países de expressão portuguesa, sendo que Portugal e Brasil têm o Português como língua-mãe; Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, como língua oficial, sendo chamados de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor Leste. No entanto, ainda em diálogo com Rocha-Trindade, também figuram, implicitamente, os países em que a língua de uso é o Português, como Macau, Goa, Damão, Diu e Málaca, além de todas as comunidades de diáspora lusófona espalhadas pelo mundo.

Tendo em vista a (re)apresentação do real por Graciliano Ramos, consideraremos o desocultamento simbólico da lusofonia, pela vertente de elementos narrativos (mitologia, ideologia) sobre Portugal, postos em cena. Vejamos o que ele diz, ao fazer uma comparação com os barões assinalados

por Camões: “Um desses barões era provavelmente o de Macaúbas [...]. E o barão de Macaúbas associei Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, o gigante Adamastor, barão também, decerto” (RAMOS, 2008, p. 133).

Graciliano Ramos encadeia o poder simbólico dos “heróis” portugueses a novos conceitos, ou seja, ao campo discursivo de sua aprendizagem. No domínio da cultura educacional de seu tempo, o “Velho Graça” cria novos canais de comunicação, dando vitalidade, de certa forma, à lusofonia. Na compreensão das identidades associadas, o narrador-personagem revela: “Deus me perdoe. Abominei Camões” (RAMOS, 2008, p. 133).

De fato, a língua portuguesa permaneceria escondida sob os “caracteres borrados” da literatura camoniana, devido à evocação dos símbolos portugueses sob a vertente da feroz perseguição sofrida pela maneira como as primeiras letras foram apresentadas ao menino. O autor de *Infância*, dessa forma, realiza uma contundente crítica ao tipo de educação e ao método de ensino-aprendizagem de sua época, distanciados de uma ação eficiente e eficaz para o estabelecimento prazeroso do ler e do escrever. Resulta de fato, uma reflexão pertinente: a língua portuguesa, ainda que com elevado potencial como instrumento de comunicação – haja vista os países que a utilizam –, está longe de chegar a todos como ferramenta cultural.

A relação do menino com o cânone é de denúncia da perversidade com que a literatura e, nesse caso, a lusofonia eram/são utilizadas. Nesse aspecto, Lourenço (2004, p. 179) infere que a lusofonia é vista como “uma selva obscura e voluntariamente obscurecida pela interferência ou coexistência [...] de leituras [...], mitologias culturais, de todo em todo não homólogas e, só no melhor dos casos, análogas”. Não por acaso, o narrador se referir à língua das “filhas do Mondego e da linda Inês” como estranha, difícil. Evidente, o contexto linguístico estava cheio de contradições, apesar de revelar a história partilhada com ele, um brasileiro.

Conclusão

A lusofonia se inscreve, no ensino imputado ao menino, como pudemos perceber, com um claro processo de homogeneização das diferenças culturais e também linguísticas, mediante a edificação de uma insistência “no grande

aproveitacionismo de Camões para oportunismos de politicagem moderna” (SENA, 1980, p. 257).

Os feitos da epopeia não foram utilizados pelos mestres do menino de *Infância* para ressignificação do imaginário lusófono. Não contrapôs que a lusofonia, como relata Macedo (20154, p. 23), se quer como lugar de reflexão histórica e de oportunidade para discussão do que foi o passado. Tampouco que, em diálogo com Lourenço (2004, p. 112), “o imaginário lusófono se nos define nos tão celebrados e gastos termos camonianos de uma só alma pelo mundo em pedaços repartida. O imaginário lusófono tornou-se, definitivamente, o da pluralidade e da diferença”. Cumpre, a cada um de nós, portanto, “Se queremos dar algum sentido à galáxia lusófona, [...] vivê-la, na medida do possível, como inextricavelmente portuguesa, brasileira, angolana, moçambicana, caboverdiana ou são-tomense”. Eis o verdadeiro sentido da lusofonia, presente na superfície do texto graciliânico, desde a *Infância*.

Referências:

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: Benjamin, Walter. **Obras escolhidas**, vol. 1, Brasiliense: São Paulo, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. 4.a. ed. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2012.

LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro seguido de imagem e miragem da lusofonia**. Lisboa: Gradiva, 2004.

MACEDO, Louis Lobo. **Estratégias e desenvolvimento do conceito da lusofonia num mundo globalizado**. Dissertação de mestrado profissional em administração. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < http://s3.amazonaws.com/public-cdn_ibmec.br/portalibmec_content/public/arquivos/df/dis_2014_24_-_louis_lobo_macedo_0.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2019.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. Posfácio de Cláudio Leitão. 39ª. ed. revisada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. **O espaço da lusofonia**: migrações e diálogos interculturais. In. REIS, Carlos: Discursos. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa. Lusofonia: uma história, um projecto, uma questão. Coimbra: Universidade Aberta, 1998, p. 37-48. Disponível em: < <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3972/1/MBeatriz.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

SENA, Jorge. **Trinta Anos de Camões**, 1948-1978 (Estudos Camonianos e Correlatos). Lisboa: Edições 70, 1980.